

GATTINO, GUSTAVO SCHULZ

Musicoterapia e autismo: teoria e prática

São Paulo: Memnom, 2015. 94 p.

DANIELE PENDEZA Universidade Federal de Santa Maria – UFSM ▶ danielependeza@gmail.com

O autor do livro *Musicoterapia e autismo: teoria e prática*, Gustavo Schulz Gattino, é doutor pelo Programa de Pós-Graduação em Saúde da Criança e do Adolescente da Faculdade de Medicina da Universidade Federal do Rio Grande do Sul (UFRGS). Atualmente, é professor titular do curso de Licenciatura em Música da Universidade do Estado de Santa Catarina (UDESC), além de pesquisar os efeitos da musicoterapia para pessoas com autismo e outras deficiências e também desenvolver projetos de tradução e validação de instrumentos de avaliação em musicoterapia.

O autor tem se mostrado prolífico no que envolve a música e o autismo, sendo que alguns trabalhos merecem destaque, por exemplo, *The good, bad and ugly: joys and challenges of being involved in international research with children with autism* (Gattino et al., 2016) e *Effects of relational music therapy on communication of children with autism: a randomized controlled study* (Gattino et al., 2011). Além de escrever artigos, o autor também debuta com seu primeiro livro: *Musicoterapia e autismo: teoria e prática* (Gattino, 2015).

Nessa obra, Gattino tem como intuito preencher a falta de publicações de livros em português que abordem o tema música e autismo, ainda escasso, apesar da grande demanda no nosso cenário nacional. O livro é resultado de mais de sete anos de pesquisas da carreira do autor na musicoterapia, sendo destinado a profissionais dessa área. Porém, ele também se mostra útil para educadores musicais que trabalham com esse público, por trazer dados sólidos de como a música pode vir a ser benéfica para o desenvolvimento de sujeitos com autismo, principalmente por abordar o processamento auditivo da música e aspectos biomoleculares que envolvem essa interação, dando suporte para a composição de planos de aula e melhor inclusão desses sujeitos nos ambientes educacionais.

A educação musical, assim como a musicoterapia, tem na música o seu *métier*, mas, apesar de partilharem atividades e conteúdos, seus objetivos diferem entre si, pois a musicoterapia usa a música como recurso terapêutico, enquanto a educação musical visa à aprendizagem de conteúdos musicais, para pessoas com ou sem deficiência (Gomes, 2010, p. 459).

Assim, Gattino inicia o primeiro de dez capítulos apresentando uma breve revisão acerca do autismo, traçando uma linha do tempo desde a primeira utilização do termo, no ano de 1911, indo até os critérios diagnósticos publicados na última atualização do Manual de Diagnóstico e Estatística dos Transtornos Mentais no ano de 2013. O autor também traz a prevalência do transtorno, sua etiologia, alterações neurológicas conhecidas até então, os déficits e dificuldades na comunicação e aponta alguns dos tratamentos disponíveis.

No segundo capítulo é tratado o processamento auditivo-musical no autismo, sendo apresentados dados sobre diversas alterações neurológicas apresentadas por essas pessoas e feitas relações entre essas alterações e a forma como afetam o processamento dos sons. São discutidos fatores como a hipersensibilidade auditiva desses indivíduos, sua capacidade auditiva menos complexa e focal, prejuízo na formação de “imagens musicais”, dificuldade na percepção da direção melódica dos sons e atividade reduzida para o processamento da linguagem verbal. Ainda são apontados dados que corroboram altas habilidades em pessoas com autismo “para a organização lógica de melodias, ritmos e harmonias, além de sequências musicais ao longo do tempo” (Gattino, 2015, p. 23).

No terceiro capítulo é trazida uma vertente de estudos além da neurociência, que envolve estudos químicos e biomoleculares sobre a relação da música com o autismo. Os estudos, ainda iniciais em seres humanos, buscam a origem dos neurotransmissores no sangue com o intuito de averiguar o impacto das intervenções que envolvem a música e o autismo.

No quarto capítulo o autor traz uma nova linha do tempo, abordando a história da musicoterapia aplicada ao autismo, que iniciou nos anos de 1940 no cenário internacional, acompanhando a própria história da musicoterapia e influenciando diretamente pesquisas e intervenções no Brasil. No quinto capítulo são trazidas avaliações possíveis em musicoterapia aplicadas a pessoas com autismo, âmbito esse que se encontra ainda com lacunas, pois grande parte das publicações da área se preocupa em relatar sessões de musicoterapia, focando na intervenção e não na avaliação. Esse fato ocorre também no ensino da música, pois “ainda persiste a ideia de que a avaliação em artes não pode ser objetiva por se tratar de uma área que envolve a criatividade” (Costa; Barbosa, 2015, p. 135).

No sexto capítulo são apresentados modelos de musicoterapia aplicados ao autismo, que, segundo o autor, melhor se aplicam a esse propósito. São destacados a Musicoterapia Improvisacional, Musicoterapia Orff, Modelo Campo do Tocar de Carolyn Kenny e a Musicoterapia Neurológica. Os dois primeiros modelos merecem destaque, sendo que a Musicoterapia Improvisacional apresenta grande proximidade com a educação musical, pois ela também se ocupa de técnicas improvisacionais no ensino de música para crianças e adultos, predizendo pela criatividade, espontaneidade e livre criação musical. Já a Musicoterapia Orff, foi criada por

Gertrude Orff baseada no método de educação musical de Carl Orff, seu marido e expoente educador musical, que se focava no desenvolvimento musical através da percussão e no canto.

No sétimo capítulo a musicoterapia para pessoas com autismo é apresentada como suporte para a auto-organização e estabelecimento de limites, através da vivência dos elementos musicais, como o ritmo, a melodia e a harmonia. No oitavo capítulo é apresentada a integração audiovisual, o que envolve a “sinestesia audiovisual, percepção de objetos pela audição musical, e manifestação da linguagem e percepção de emoções pela visualização do desempenho musical” (Gattino, 2015, p. 67).

No penúltimo capítulo a musicoterapia é abordada como facilitadora da comunicação e da interação social de pessoas com autismo, sendo esses os pontos-chave do transtorno. O autor apresenta que a música pode contribuir para o desenvolvimento de habilidades sociocomunicativas por incentivar a atenção e a imitação. São apresentados marcos do desenvolvimento nesses quesitos e trazidos pontos que elucidam experiências baseadas em estrutura, auto-organização e relação com os demais. No último capítulo o autor apresenta uma sugestão de sessão de musicoterapia para crianças e adultos com autismo, desde a organização da sessão até a apresentação de modelos de atividades com o uso de instrumentos musicais e objetos utilizados com a finalidade de sonorização.

Por fim, é importante ressaltar que trabalhos como o apresentado aqui são pertinentes às necessidades de musicoterapeutas e educadores musicais no que tange ao atendimento de pessoas com autismo, trazendo um arcabouço teórico e prático para o desenvolvimento e ensino/aprendizagem desses indivíduos. Assim, com a divulgação, estudo e constante publicação de trabalhos que envolvam a música e o autismo, seremos capazes de agir em prol da inclusão, tratamento e propostas de desenvolvimento bem fundamentadas e precisas, a fim de auxiliar esses sujeitos.

Referências

- COSTA, Maria Clara; BARBOSA, Jaime Filipe. Avaliação da performance instrumental pelos professores de trompete: questões e desafios. *Per Musi*, Belo Horizonte, n. 31, p. 134-148, 2015.
- GATTINO, Gustavo Schulz. *Musicoterapia e autismo: teoria e prática*. São Paulo: Memnom, 2015.
- GATTINO, Gustavo Schulz; MOSSLER, Karin; SUVINI, Ferdinando; ODELL-MILLER, Helen; WATTS, Grace. The good, bad and ugly: joys and challenges of being involved in international research with children with autism. *Nordic Journal of Music Therapy*, v. 25, p. 89-89, 2016.
- GATTINO, Gustavo Schulz; RIESGO, Rudimar Santos; LONGO, Dânae; LEITE, Júlio César Loguercio; FACCINI, Lavina Schüler. Effects of relational music therapy on communication of children with autism: a randomized controlled study. *Nordic Journal of Music Therapy*, v. 20, p. 142-154, 2011.
- GOMES, Joana Malta. O Aprendizado de Música por Crianças com Necessidades Educacionais Especiais. In: SIMPÓSIO DE COGNIÇÃO E ARTES MUSICAIS, 6., 2010, Rio de Janeiro. *Anais...* Rio de Janeiro: SIMCAM, 2010. p. 458-471.

Recebido em
14/02/2017

Aprovado em
08/06/2017

Daniele Pendeza é Bacharel em Canto (2011) e Licenciada em Música (2015) pela Universidade Federal de Santa Maria (UFSM) e especialista em Psicopedagogia Institucional (2014) pela Universidade Católica Dom Bosco. Atualmente, é pós-graduanda em Educação na Perspectiva do Ensino Estruturado para Autistas, pela Infoco/Uniapae, participante do grupo de pesquisa Educação Especial e Autismo (EdEA), da UFSM, e mestranda em Educação pela UFSM, na linha de pesquisa de Educação Especial.